



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

IDENTIDADE GAY NA PÓS-MODERNIDADE: O QUE É E PARA QUE SERVE?

Ney Arthur Feitosa Queiroga

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (arthurqueiroga@live.com)

Resumo: Neste momento histórico denominado pós-modernidade, o conceito de identidade figura entre os mais frequentes e importantes e, paradoxalmente, entre os mais vagos e imprecisos. Este trabalho, parte do conceito de identidade para questionar a existência de uma “*identidade gay*” essencial. Realizou-se uma revisão bibliográfica sobre as questões das identidades e de gênero, com o objetivo de investigar seu significado social. Concluímos que não existe uma identidade gay única e completa, mas múltiplas formas de ser gay e que homogeneizar essa noção em uma definição essencialista esconde uma construção ideológica que esconde a pluralidade de indivíduos que lutam por direitos.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade, Pós-Modernidade, Homoafetividade.

Introdução

O conceito de identidade figura entre os mais recorrentes nas sociedades contemporâneas e tem sido constantemente empregado por movimentos sociais, por grupos religiosos e por autores e pesquisadores das mais diversas áreas. Paradoxalmente, permanece um conceito vago e impreciso.

Quantas conotações o vocábulo “identidade” pode assumir? O que exatamente significa identificar-se como “gay”? Identidade gay refere-se à atração sexual e afetiva por pessoas do mesmo sexo, ou às performances transgressoras dos dois papéis de gênero



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

socialmente convencionados como legítimos (masculino/feminino)? Ou ainda ao conjunto de práticas e gostos cultivados por um mesmo grupo? O que é, afinal, ser “gay”?

Metodologia

Este trabalho parte desses questionamentos a respeito do conceito de identidade, mais especificamente de uma “*identidade gay*”, e se desenvolve por meio de uma revisão bibliográfica de estudiosos das identidades e de gênero, com o objetivo de investigar o significado social deste conceito.

Identidade gay: ser idêntico ou ser diverso?

Segundo o *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*, a palavra “Identidade” é “derivada da raiz latina *idem*, que implica igualdade e continuidade” e designa “a permanência em meio à mudança e a unidade em meio à diversidade” (OUTHWAITE, 1996, p. 369). De acordo com o mesmo dicionário, esta palavra “entra em uso popular só no século XX, reforçado especialmente desde os anos 50”, já sendo considerada nos anos 70 por Robert Coles como “o mais puro dos clichês”.

Etimologicamente, portanto, possuir uma identidade significa ser igual ou idêntico a algo ou alguém, partilhar das mesmas características. “Com frequência, a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável” (WOODWARD, 2000, p.13). Como é possível acreditar que existam tais identidades em um mundo cuja população atual ultrapassa 7 bilhões de indivíduos? Nesse contexto histórico denominado “pós-modernidade” o conceito de identidade é posto em xeque.

Existe uma tendência na vida social a tudo nomear, definir, classificar. Busca-se sempre uma definição, uma rotulação, uma categorização para as coisas. Muitas vezes



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

realidades complexas são reduzidas a conceitos simplistas, a definições que em nada condizem com a realidade. Como se pode nomear aquilo que é fluido e cambiante? Muito se fala em “identidade gay” como se isso fosse algo ontológico, essencial dos indivíduos. Essas identidades, entretanto, não estão consumadas, não são estáticas. Para constatar tal afirmação basta analisar o que era “ser gay” no início dos anos 90 e fazer um contraste com o momento atual.

Percebemos que a ideia de uma identidade gay homogeneiza os sujeitos, colocando ênfase em um único aspecto comum (a orientação sexual) e desconsiderando suas diferenças subjetivas de cada pessoa. Juntando diversidades em uma classificação única. Butler (2004) nos ajuda a entender essa ideia ao afirmar que:

O sujeito homossexual é criado através de um discurso que nomeia essa "homossexualidade", e que ao mesmo tempo produz e define esta identidade como uma infração contra o social. Mas ao mesmo tempo em que nomeia este sujeito compulsivamente, lhe nega o direito de nomear-se a si mesmo. (Butler, 2004, p. 201, *Tradução nossa*).¹

Falando a respeito das identidades nacionais, Hall (2006) nos oferece um pensamento interessante para a desconstrução deste conceito de identidade gay. Ele afirma que:

“No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial” (HALL, 2006, p. 47).

Aqui, Hall nos apresenta a ideia de nacionalidade como sendo uma construção social. Ninguém pertence de fato a uma nacionalidade. Não existe uma “identidade brasileira” essencial. Ele afirma que falamos de nacionalidade “de forma metafórica”. Podemos, fazendo

¹ El sujeto homosexual es creado a través de un discurso que nombra esa "homossexualidad", y que a la vez produce y define esta identidad como una infracción contra lo social. Pero al mismo tiempo que nombra a este sujeto compulsivamente, le niega el derecho de nombrarse a si mismo.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

uma analogia desse pensamento sobre a convenção social da nacionalidade, afirmar que as identidades culturais gays também “não estão impressas em nossos genes”.

“Uma cultura nacional é um *discurso* — um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2006, p. 50). Assim, podemos afirmar que a “identidade gay” é igualmente um discurso. A identidade é uma espécie de “bandeira”, um símbolo dotado do poder de unificar: “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional” (HALL, 2006, p. 59). Da mesma forma, a ideia de “identidade gay”, ignorando a subjetividade dos indivíduos e as incontáveis diferenças entre eles, representa-os “todos como pertencendo à mesma e grande família”.

Podemos afirmar que “identidade gay” é uma convenção social de um grupo, à maneira das identidades nacionais, conforme explica Hall (2006). Assim como há uma construção simbólica que “cria” o brasileiro, há também uma construção simbólica semelhante que “cria” o gay.

“A identidade é marcada por meio de *símbolos* (WOODWARD, 2000, p. 9). O futebol, o carnaval, o samba são popularmente considerados símbolos de uma identidade brasileira. Entretanto, milhares de brasileiros gostam de futebol, não ouvem samba, não se sentem representados por tais elementos culturais. Essas identidades são construídas em cima de generalizações. E é a partir dessas generalizações que o próprio conceito de identidade pode ser questionado. “Generalizando, a noção de identidade perde a consistência. A identidade não teria se tornado uma noção vaga e inconsistente, servindo para designar fenômenos que teriam apenas em comum o nome?” (DORTIER, 2010, p. 282). Como, então, a noção de identidade poderia se sustentar diante das subjetividades dos indivíduos?

Da mesma forma que existem brasileiros que não se identificam com futebol, samba e carnaval, também existem indivíduos que não identificam a si mesmos como “gays”, que se sentem atraídos afetiva e sexualmente por pessoas do mesmo sexo, sem, contudo,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

desenvolverem qualquer identificação com os padrões estereotipados da cultura gay como o gosto por cultura pop americana, pela moda, pelo cuidado com o corpo, por atividade e comportamentos socialmente considerados femininos.

Esta desconstrução da ideia de identidade encontra respaldo filosófico ainda na obra “Diferença e Repetição” de Gilles Deleuze (2012). Para Deleuze “todas as identidades são apenas simuladas, produzidas como um "efeito" óptico por um jogo mais profundo, que é o da diferença e da repetição” (DELEUZE, 2012, p.16).

Nesta obra, Deleuze desenvolve, ainda, uma ideia que corrobora com a análise feita por Hall (de que na pós-modernidade acontece uma crise das identidades), chamando-a de “falência da representação”:

O primado da identidade, seja qual for a maneira pela qual esta é concebida, define o mundo da representação. Mas o pensamento moderno nasce da falência da representação, assim como da perda das identidades, e da descoberta de todas as forças que agem sob a representação do idêntico. O mundo moderno é o dos simulacros (DELEUZE, 2012, p.16).

Tanto para Hall como para Deleuze, a “identidade gay” funciona como um sistema de “representação do idêntico”, é apenas um “simulacro”.

Identidade gay: da inexistência antiga à crise pós-moderna

As relações afetivas e sexuais entre indivíduos do mesmo sexo é uma realidade que perpassa toda a história da humanidade, no entanto sua designação sob o signo “homo” ou “gay” tem menos de dois séculos. “O termo "homossexualidade" é em si problemático quando aplicado a culturas antigas, na medida em que nem grego nem latim possui qualquer palavra abrangendo o mesmo intervalo semântico como o conceito moderno”² (HUBBARD, 2003, p.1, *Tradução nossa*). Isso ocorre porque nas antigas sociedades grega e romana, embora existissem práticas sexuais entre indivíduos do mesmo sexo (acompanhadas ou não das performances de gênero transgressoras do binarismo biológico masculino/feminino), essas práticas não eram designadas por qualquer termo que implicasse em formação de uma

² “The term “homosexuality” is itself problematic when applied to ancient cultures, inasmuch as neither Greek nor Latin possesses any one word covering the same semantic range as the modern concept”.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

identidade do sujeito. Para estas sociedades antigas, como para tantas outras ao longo da história, “o comportamento sexual exterior não é necessariamente formativo de identidade interna - “sentimentos, ideias, objetivos e percepção do ego” (STRATHERN, 2006. p. 103).

O primeiro registro dos termos “homossexual” e “heterossexual” datam de 1868. Antes disso não era comum empregar termos para designar o comportamento homossexual numa perspectiva de formação de identidades, conforme afirmou Strathern (2006). A patologização da condição homoafetiva pela psiquiatria é tão recente quanto os termos “homossexualidade”, “homossexual” ou “gay” para designar estas relações e os indivíduos nela envolvidos. “A criança masturbadora, o louco, a ninfomaníaca, o homossexual, o mestiço e o artista neurastênico formam alguns dos ramos da árvore genealógica das anormalidades criada pela psiquiatria no século XIX” (MISKOLCI, 2003, p.122). É a partir do século XIX que a psiquiatria passa a identificar os indivíduos como “homossexuais”, como “doentes”, associando a atração sexual por pessoas do mesmo sexo à performance de gênero do sexo oposto:

Os teóricos da degeneração definiam a homossexualidade não como um tipo de relação sexual, antes como uma inversão do masculino e feminino. Essa concepção transferia a perseguida sodomia para uma espécie de androginia interior, um hermafroditismo da alma. Foucault afirma que se o sodomita era um reincidente, o homossexual foi declarado uma espécie (MISKOLCI, 2003, p. 120).

Esta interpretação simplista da sexualidade é carente de cientificidade e marcada por fortes preconceitos da cultura machista e patriarcal, conforme observa Connell (2005):

A cultura patriarcal tem uma interpretação simples dos homens gays: eles carecem de masculinidade. Esta ideia é expressa em uma extraordinária variedade de formas, que vão desde humor debochado de “munheca quebrada” e trejeitos a investigações psiquiátricas sofisticadas da “etiologia” da homossexualidade na infância. A interpretação está obviamente ligada à suposição que nossa cultura em geral faz sobre o mistério da sexualidade, que os opostos se atraem. Se alguém é atraído para masculino, então essa pessoa deve ser feminina - se não no corpo, então de alguma forma na mente. (CONNELL, 2005, p. 143, *Tradução nossa*)³.

³ Patriarchal culture has a simple interpretation of gay men: they lack masculinity. This idea is expressed in an extraordinary variety of ways, ranging from stale humour of limp-wrist, panty-waist variety, to sophisticated psychiatric investigations of the ‘aetiology’ of homosexuality in childhood. The interpretation is obviously linked to the assumption our culture generally makes about the mystery of sexuality, that opposites attract. If someone is attracted to masculine, then that person must be feminine – if not in the body, then somehow in the mind



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Seria esta suposta carência de masculinidade o elemento constitutivo da identidade gay? Acaso todos os indivíduos que sentem desejo pelo mesmo sexo seriam “carentes de masculinidade” e, portanto, se identificam (ou poderiam ser identificados) como “gays”? Estes comportamentos “gays” seriam o bastante para constituir uma identidade?

A “pós-modernidade”, segundo Hall (2006), é um período marcado por um processo de mudanças, essas transformações estão mudando a ideia que temos de nós próprios, nossas ditas identidades:

“Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados” (HALL, 2006, p.9).

Uma das consequências da pós-modernidade é o que Hall chama de “crise de identidade”. Segundo ele, “velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2006, p.7).

Hall (2006) apresenta três concepções de identidade através da história: o sujeito do Iluminismo, cujo centro essencial do eu era a identidade da pessoa; o sujeito sociológico, cuja identidade era formada na "interação" entre o eu e a sociedade; e o sujeito pós-moderno, o qual seria desprovido de uma identidade fixa, essencial ou permanente.

O indivíduo moderno era visto como um sujeito unificado. O indivíduo pós-moderno é fragmentado, complexo, diverso. A “identidade” de qualquer pessoa, independente de sua orientação sexual ou de sua performance habitual de gênero, recria-se continuamente.

Podemos dizer, baseados em Bauman (2001), que estas identidades gays, como todas as demais inseridas neste momento histórico, são “líquidas”, fluidas, como projeto não



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

realizado, uma vez que os sujeitos estão em contínua construção, sempre a frente de si mesmos:

Ser moderno passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado. Movemo-nos e continuaremos a nos mover não tanto pelo “adiamento da satisfação”, como sugeriu Max Weber, mas por causa da impossibilidade de atingir a satisfação: o horizonte da satisfação, a linha de chegada do esforço e o momento da autocongratulação tranquila movem-se rápido demais. A consumação está sempre no futuro, e os objetivos perdem sua atração e potencial de satisfação no momento de sua realização, se não antes. Ser moderno significa estar sempre à frente de si mesmo, num Estado de constante transgressão (...), também significa ter uma identidade que só pode existir como projeto não realizado (BAUMAN, 2001, p. 37).

Essas identidades gays, então, não estariam consumadas, não seriam estáticas. Para constatar tal assertiva basta analisar, por exemplo, o que era “ser gay” a partir no início dos anos 70 até o momento atual.

Identidade gay: uma bandeira de luta

A orientação homoafetiva constitui ainda hoje um tabu para muitas sociedades. Muitos homens e mulheres que sentem desejo pelo mesmo sexo sofrem preconceito e intolerância devido a sua condição. Por muito tempo esses indivíduos permaneceram “invisíveis”, totalmente à margem da sociedade, negando sua condição, vivendo “no armário” ou criando grupos e espaços onde pudessem expressar-se livremente, em “guetos” simbólicos. No entanto, quando esses grupos começaram a “aparecer” coletiva e publicamente, surgiu a necessidade de um nome para identificá-los.

Todo indivíduo busca estar inserido em um contexto social que o recepcione e represente, no qual ele possa sentir-se um com aqueles que o cercam, construindo o ideal de uma identidade. Não obstante, cada pessoa deseja preservar sua subjetividade, aquilo que lhe



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

é próprio, que o diferencia dos demais. Assim, o jogo social desenvolve-se nesta dinâmica entre igualdade e diferenças:

“Temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades” (SANTOS, 2003, p. 56).

A construção de identidades serve para agregar os indivíduos em torno de certas semelhanças e interesses, passando a funcionar como um vínculo de pertença a um grupo. Na obra *Sociologie de l'Homosexualité*, Chauvin declara: “A identidade homossexual é uma invenção do final do século XIX, iniciada pelos psiquiatras antes de ser adotada pelos próprios homossexuais” (CHAUVIN, 2013, p.36, *Tradução nossa*)⁴. Essa “adoção” do conceito “gay”, ou “homossexual” marcou o início da história do ativismo pelos direitos dos grupos LBGT. A partir da década de 1970, os indivíduos homoafetivos passaram a construir uma coletividade, unificando-se a partir da “identidade” que passaram a assumir.

Estes grupos precisavam de visibilidade para sua luta e para tanto era necessário possuir um nome que designasse o movimento de militância que se formava. Uma vez que “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, p.17), a “identidade gay” passou a assumir, a partir de então, uma função social, uma utilidade política, constituindo um sistema de representação desses indivíduos.

Embora consista numa simples construção simbólica, por vezes generalizante, este conceito (identidade gay) permanece sempre útil aos movimentos de militância, uma vez que evidencia a resistência à heteronormatividade e que promove a união e o fortalecimento do grupo.

A construção de identidades gays e lésbicas, tanto no plano pessoal quanto coletivo, trabalha para resistir aos mecanismos de estigmatização: o “orgulho gay” visa, de início, um reapropriação da identidade homossexual, que converteria o estigma em orgulho, tanto privado como público, desarmando a injúria inicial, reivindicando “de cabeça erguida” a identidade destinada

⁴ L'identité homosexuelle est une invention de la fin du XIX siècle, initiée par les psychiatres avant d'être adoptée par les homosexuel-le-s mêmes»



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

pela sociedade homofóbica. O orgulho é, portanto, uma estratégia política. (CHAUVIN, 2013, p.36, *Tradução nossa*).⁵

Esse “orgulho gay” é necessário à articulação política de movimentos sociais. São estes mesmos movimentos que “levantam essa bandeira” e reivindicam a categoria de “identidade gay” como uma estratégia de luta e representação.

Como afirma Lago: “O modelo de identidade gay é (...) um tipo de identidade de resistência, que possibilita a expressão pública e a formação de redes sociais de apoio e solidariedade” (LAGO, 1999, p. 161). Assim, é no ideal de “identidade” que os grupos LGBT encontram enfrentamento contra o preconceito social.

Considerações Finais

Podemos afirmar que não existe uma identidade essencial gay, em termos de comportamento, de performance. Nenhum indivíduo carrega consigo uma “identidade gay” em seu ser, já que os padrões de comportamento o masculino e o feminino não nos são dados pela natureza. Como afirmava Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Da mesma forma, “ser gay” não é um dado natural, um comportamento inato, impresso em nossa natureza, mas culturalmente construído.

No contexto pós-moderno, no qual todas as identidades mudam constantemente, a “identidade gay” é apenas uma representação simbólica. De fato, não existe uma identidade gay única, pois nenhum gay é idêntico a outro e que a sexualidade é apenas um dos elementos que compõe as subjetividades dos indivíduos.

Entendemos que identidade é um conceito vago, impreciso e inadequado para designar tanto a atitude sexual quanto a performance de gênero, já que estas realidades apresentam amplas variedades entre os sujeitos homoafetivos.

Verificamos que existem, separadamente, a atração sexual por indivíduos do mesmo sexo (com variadas preferências e restrições) e infinitas possibilidades de comportamento dentro da escala masculino-feminino socialmente convencionalizada. Uma coisa independe da outra: a

⁵ La construction des identités gaies et lesbiennes, tant au plan personnel que collectif, travaille à résister aux mécanismes de stigmatisation: la *gay pride* vise d'abord une réappropriation de l'identité homosexuelle qui renverserait le stigmate en fierté, aussi bien privée que publique, désarmant l'injure initiale en revendiquant « tête haute » l'identité assignée par la société homophobe. La fierté est donc une stratégie politique.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

atração sexual e afetiva pelo mesmo sexo nem sempre está ligada à performance de gênero do sexo oposto. Ou seja, um homem heterossexual pode sentir-se bem com performances socialmente tidas como femininas, bem como um homossexual pode não apresentar quaisquer traços do comportamento feminino ou “gay” socialmente convencionados.

Observamos que existe uma utilidade de representatividade e luta política no conceito de identidade gay. Existe uma construção ideológica por trás deste conceito. Identidade é uma construção simbólica útil, pois o símbolo tem a propriedade de unificar os indivíduos, de “congregá-los” em torno de suas semelhanças. A identidade gay é um conceito reivindicado com intuítos políticos pelos grupos militantes LGBT, pois serve para agregar indivíduos em vista de uma luta por direitos.

Referências :

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

_____. **Lenguaje, poder e identidad**. Madrid: EDITORIAL SINTESIS, 2004.

CHAUVIN, Sébastien; Arnaud Lerch. **Sociologie de l'homosexualité**. Paris: Éditions La Découverte, 2013.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Los Angeles: University of California Press, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

DORTIER, Jean-François. **Dicionário de Ciências Humanas**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

FÉRAY, Jean Claude. **Une histoire critique du mot "homosexualité"**, Arcadie, nn. 325 pp. 11-21; 326 pp. 115-124; 327 pp. 171-181; 328 pp. 246-258, Janvier-Avril 1981.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUBBARD, Thomas K. **Homosexuality in Greece and Rome: a sourcebook of basic documents**. London: University of California Press, 2003

LAGO, Regina Ferro do. Bisssexualidade masculina: uma identidade negociada? in HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Sexualidade. O olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

MISKOLCI, Richard. Reflexões sobre normalidade e desvio social. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, 13/14: 109-126, 2002/2003

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu** (24), janeiro-junho de 2005, pp.127-152.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

OUTHWAITE, William e BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.